

Silêncio: uma escuta metapsicológica¹

Ignácio Alves Paim Filho²

Resumo: No decorrer deste texto, será realizado um breve percurso pela temática do silêncio de modo a possibilitar sua escuta metapsicológica, equacionando, para isso, alguns postulados teóricos e clínicos centrados na dualidade pulsional – morte e vida. Nesse processo, busco desfazer a ideia de que o silêncio é decorrente, exclusivamente, da pulsão de morte, pois julgo um equívoco. Para realizar tal meta, estabeleço a diferença entre pulsão de morte e pulsão de destruição – resgatando sua vinculação com a discórdia – e proponho que a ruptura do silêncio se dá no embate pulsional. Assim, advogo que o silêncio mais absoluto está no que poderíamos chamar de *fusão incompleta* – pulsão de destruição precariamente ligada pela libido – e/ou na *fusão completa* – pulsão de destruição excessivamente ligada pela libido. Portanto, o silêncio é decorrente da ausência de diferenças significativas entre as forças pulsionais, ou seja, entre repouso e movimento, o que implica a morte do desejo e/ou a não construção desse. Essa ausência contribui com a homeostasia psíquica: baixo grau de entropia psíquica.

Palavras-chave: Desejo. Discórdia. Eros. Fusão. Pulsão de destruição. Silêncio.

Mas é em vão que um velho anseia pelo amor de uma mulher, como o teve de sua mãe; só a terceira das Parcas, a silenciosa Deusa da Morte, tomá-lo-á nos braços.

(S. Freud, 1913)

-
- 1 Agradecemos à Revista Brasileira de Psicanálise pela cedência dos direitos autorais e autorização de republicação deste trabalho publicado na Revista Brasileira de Psicanálise em 2016, vol. 50, nº 4, páginas 15 a 25. Revisto e ampliado para essa publicação, em especial no que tange à ideia de entalpia e sua relação com a pulsão sexual, em contraponto com a entropia, com sua vinculação com a pulsão de destruição.
 - 2 Ignácio Alves Paim Filho é psicanalista, membro pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA), membro titular com função didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), professor convidado da pós-graduação em psicologia clínica da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Portanto, desde que estejamos atentos para não subestimar o papel de Eros, podemos dizer sobre o id: nele, tudo decorre como se estivesse sob o domínio das silentes e poderosas forças da pulsão de morte.

(S. Freud, 1923)

Silêncio, ausência de som, palavras e murmúrios... Escutar o que não produz sonoridade; em vez disso, sensações diversas – sensações que nos impelem a fazer ações ou, quem sabe, antes de tudo, convidam a nos deixar sermos tocados por suas vibrações.

A temática do silêncio e da escuta tem sido objeto de estudo do mundo psicanalítico há um longo tempo. Provavelmente, teve início quando Emmy von N. solicitou a Freud que silenciasse e a deixasse falar: que a escutasse (Freud, 1893-1895/1969d). Como sabemos, nesse caso, temos encenado o ato inaugural da regra fundamental, a associação livre. Nesse sentido, trabalhar o silêncio e sua escuta, no processo analítico – o mais além das palavras –, permeia também as recomendações freudianas aos que exercem a psicanálise.

Diante desse contexto, visando fazer a interação entre a metapsicologia e o exercício do ofício do analista, pretendo tecer especulações sobre a possibilidade de uma escuta metapsicológica para o silêncio, esse enigmático ser que, em seu trânsito pela psique, revela as mais variadas formas de apresentação – do irrepresentável ao representável: silêncio como resistência, silêncio como trabalho de elaboração, silêncio pela ausência de sentido, silêncio pelo vazio, silêncio por... Todavia, o silêncio a que pretendo me reportar no decorrer deste escrito é aquele que revela uma ausência de um trabalho psíquico transformador, em que opera a repetição do além do princípio do prazer, a indiferenciação.

Tendo em mente essas múltiplas formas assumidas pelo silêncio, vejamos o que a teoria pulsional, centrada na dualidade pulsão de morte *versus* pulsão vida, tem a nos dizer. Regressemos ao trabalho de Freud de 1920 (2006), atravessado pelas inquietudes oriundas da clínica e da cultura, que rompe com o pensar restritivo da lógica do princípio do prazer – pensar que impunha um estranho silêncio para as ressonâncias do que não está sob o seu primado. Nesse texto, vamos encontrar o nascimento simbólico da nova dualidade pulsional, que anuncia a existência da pulsão de morte. Na década que segue, esse conceito vai se desenvolvendo, atingindo sua maturidade e alta relevância para a metapsicologia freudiana em 1930, em *O mal-estar na civilização*, quando recebe, entre outros, o qualificativo de sua *ubiquidade* (1969f, p. 142), ou seja, sua presença em todos os lugares ao mesmo tempo: a pulsão por excelência. O que fez Freud atribuir somente à pulsão de destruição essa onipresença? Retornaremos a essa questão a seguir.

Essa propriedade merece ser revista à luz do texto de 1924 (2007b) *O problema econômico do masoquismo*.

Ao se defrontar com a problemática do masoquismo, nesse novo cenário, Freud lança as bases para fazer desse o agente fundador da psique, que está implicado em todo o processo de desenvolvimento do psiquismo: “O masoquismo erógeno teria participado de todas as fases evolutivas da libido, extraído delas suas variadas e cambiantes roupagens psíquicas” (p. 110). Eis aí um dos assinalamentos de sua ubiquidade. Seguindo esse percurso, destaco que o masoquismo primário e erógeno é produto da ligação da pulsão de morte com a pulsão sexual, mediada pelo fator determinante da solidariedade-excitatória-sexual (Paim Filho et al., 2011/2014). Esse postulado, juntamente com a proposição formulada no texto sobre o narcisismo (Freud, 1914/2004), em particular sobre o narcisismo primário, oferece elementos para estruturar a ideia de que a pulsão sexual tem sua fonte no objeto³. Se assim o for, ela é uma aquisição – produto do investimento libidinal dos objetos primários –, diferentemente da pulsão de morte, que é constitutiva. Creio que essa compreensão fortalece a questão de sua onipresença: podemos ter pulsão de morte sem libido, porém, não temos libido sem pulsão de destruição. Como diz a *Teogonia*, no início era o caos, com seu silêncio inebriante. Esse tempo das origens – pura pulsão de morte – incita e solicita a demarcar o início da vida psíquica: a *ação específica* (Freud, 1950[1895]/2003, p. 196), cujo agente é um semelhante, que sacia a fome e viabiliza o alvorecer da pulsão sexual; ação que vai delineando o pulsional e, nesse processo, trabalha para o surgir da palavra, com suas múltiplas possibilidades de romper e construir significados e ressignificados para o silêncio. Recordemos que, segundo Freud, a palavra tem a missão de amaciar o ato (1926/1969h, p. 214), esse que, muitas vezes, vem acompanhado de um silêncio ensurdecedor.

A partir dessa matriz fundamental, fornecida pelo masoquismo primário⁴,

3 Essa temática é trabalhada em maior profundidade no ensaio *Pulsão de morte: o assombrosamente belo* (Paim Filho, 2018). Nesse, num diálogo circunscrito com Laplanche, busco referendar a importância da fonte da pulsão de morte no corpo, enquanto a pulsão sexual tem sua fonte no objeto. Objeto esse que, ao investir o corpo do bebê, inaugura o sexual.

4 A proposição do masoquismo primário como matriz fundante da psique e trabalhado por Paim Filho e Terra Machado (2018). Esse texto propõe o masoquismo primário como um quinto destino pulsional. Quinto a ser nomeado, em relação aos referidos por Freud em 1915: transformação no contrário, retorno sobre si mesmo, recalque e sublimação – porém, é o primeiro, produto do intrincamento pulsional primordial entre a pulsão de morte e a pulsão sexual. Sendo assim, é a partir dessa origem que vai se estabelecendo os demais destinos da pulsão. O menor e/ou maior grau de elaboração desse originário vai ser o responsável pela vigência do masoquismo narcotizante (“não erógeno”) e/ou protetor.

vamos ter os seus desdobramentos no masoquismo feminino e no masoquismo moral. Em um trabalho anterior, propus a existência de um masoquismo primário “não erógeno” (Paim Filho, 2012/2014), primeiro tempo do que viria a ser o erógeno. Ao postular esse tempo primeiro do masoquismo, penso em traumas precoces (impedidos de serem metabolizados), na ausência de história, no irrepresentável, que se manifestam, por exemplo, na compulsão à repetição do mais além do princípio do prazer: descarga em ato, o silêncio do aquém da palavra. Provavelmente, um trauma precoce associado ao que Freud chamou, em 1923 (2007a), de *fusão incompleta das pulsões*. Observemos *fusão incompleta*⁵, que é diferente de *defusão*. Defusão comporta a ideia de desligar o que já esteve ligado, enquanto a fusão incompleta remete à ligação que nunca ocorreu, o precariamente ligado nos primórdios do psiquismo do homem: *das Ding* – a coisa em torno da qual se darão os registros psíquicos, dos seus atributos (Freud, 1950[1895]/2003, p. 205). Essa que é inapreensível em sua totalidade, que segue sendo o indicador do encontro, sempre parcial, da pulsão com o objeto: o vazio pulsional das origens, nossa mitologia, com seu silêncio pulsante.

Tomando essa proposição como ponto de referência, proponho-me a refletir sobre sua implicação na gênese do silêncio. Freud, como posto na epígrafe, anuncia a mudez da pulsão de morte – *silente e poderosa*. Com isso, pareceria que o silêncio é tributário exclusivamente dessa pulsão. Seria assim? Acredito que essa inferência merece ser mais bem escutada. Creio ser pertinente ousar fazer uma discriminação entre pulsão de morte e pulsão de destruição⁶. Freud as trata, normalmente, como sinônimas, mas só se refere à pulsão de destruição quando a pulsão de morte está ligada pela libido. Acrescenta, porém, como em 1940[1938] (1969c), que passa a ser chamada *de destruição* ao ser desviada para fora, deixando então de ser silenciosa. Essa afirmação aciona o surgimento de uma interrogação, respondida por Freud parcialmente: que fora seria esse? Entendo-o sob a perspectiva da lógica imposta pelas instâncias psíquicas e pelo aparelho psíquico como um todo; por exemplo: desvio do id para o eu, do supereu para o

5 Esclareço que as expressões *fusão incompleta* e *completa* têm um sentido relativo, baseado no fator *comparação* entre elas. A incompleta refere-se a um grau de fusão incipiente – quase uma não fusão; a completa, por outro lado, aplica-se a fusões mais intensas: a mais completa em sua incompletude.

6 Nesse sentido, ganha contornos de relevância esta afirmação freudiana de 1937: “Esses fenômenos constituem indicações inequívocas da presença de um poder na vida mental que chamamos de pulsão de agressividade ou de destruição, segundo seus objetivos, e que remontamos à pulsão de morte original da matéria viva” (1969a, p. 276). Destaco a ideia da pulsão de destruição *remontando a pulsão de morte original*.

eu ou, ainda, do eu para o mundo externo, como também do corpo para a psique. Esses dispositivos de dentro e fora – intrapsíquico e extrapsíquico – podem ser exemplificados quando Freud assinala, em 1933[1932] (1969b), a possibilidade de o eu ser tomado como objeto pelo supereu: “O eu pode tomar-se a si próprio como objeto, pode tratar-se como trata outros objetos, pode observar-se, criticar-se, sabe-se lá o que pode fazer consigo mesmo. Nisto uma parte do eu se coloca contra a parte restante” (p. 77).

Essa compreensão me habilita a fazer a seguinte construção: a pulsão de morte, quando não ligada, remete ao inefável caos pulsional, enquanto conceito-limite entre o somático e o psíquico, ou ainda, nas profundezas do id, é silenciosa, não está submetida a nenhum princípio organizador, pura potência dispersa, mantendo seu caráter conservador – visa apenas a descarga, e seu objeto são todos e ao mesmo tempo nenhum. *A silenciosa Deusa da Morte*; quando de sua captura pela libido, instauração do masoquismo primário não erógeno e posteriormente o erógeno, põe em marcha o conflito pulsional, Eros buscando ligar e a pulsão de destruição buscando romper: *construção e demolição* (Freud, 1923/2007a, p. 50). Com esse processo de ligação, aciona-se o disparador para a criação do estado de desejo e começa a se romper o silêncio de nossas origens. A pulsão de morte, na forma de destruição, passa a ter uma meta de desfazer conexões, visando a sua descarga, gerando murmúrios e sussurros. Ela revela ao desejo sua impossibilidade de satisfação plena, uma vez que seu enlaçamento será sempre parcial, pois o objeto-fonte da libido é sempre incompleto. Estabelece-se a vigência do princípio de nirvana – tributário do enlaçamento pulsional, comprometido com a meta da pulsão de destruição –, o qual terá como sucedâneo o princípio do prazer que, apesar de sua origem, vai opor-se, pelo menos em parte, à tendência zero do princípio primordial.

Consequentemente, a pulsão de destruição, ao estar implicada no trabalho psíquico, deixa de ser silenciosa na direta proporção em que a libido busca domesticá-la. Contudo, faço um pequeno parêntese, objetivando esclarecer: Eros tem como meta maior aglutinar, fundir, agregar. Sendo assim, estaria comprometido com a homeostasia psíquica, com o que Freud chama de uma possível *pulsão de atingir a completude* (1920/2006, p. 165). Com esse contexto em mãos, sinto-me inclinado a pensar que Eros também tem como meta o silêncio, a quietude, que a ideia de completude contempla. Freud, referindo-se a Platão em *O banquete*, recorda o compromisso de Eros com o “desejo de fundir-se em um só ser” (1920/2006, p. 178): estabelecimento do silêncio da fusão completa das pulsões – uma quase morte da pulsão de morte. Logo, podemos deduzir que o silêncio mais absoluto está implicado no acontecer das fusões incompletas e/

ou nas fusões completas. O barulho se produz nas diferenças, no conflito, entre as forças que visam desconectar e as que visam conectar. Nem tão ligado que silencie o desejo, nem tão desligado que silencie as vias criadoras do desejo. Como nos adverte Freud: “Um excesso de agressividade sexual transformará um amante num criminoso sexual, enquanto que uma nítida diminuição no fator agressivo torná-lo-á acanhado e impotente” (Freud, 1940[1938]/1969c, p. 174).

Sendo assim, na vigência do masoquismo primário “não erógeno” ou, ainda, narcotizante, temos uma ruptura incipiente do silêncio, muito aquém da palavra; intensidades que produzem murmúrios, marcadas pela autodestrutividade; suas formas de manifestação se fazem no corpo, como na psicossomática, e/ou em atos caracterizados pelos destinos do pré-recalque: transformação no contrário e retorno contra si mesmo. Esse não silêncio, que é quase um silêncio, das intensidades pulsionais, das fusões incompletas, carece de valor simbólico; há nele a ausência de um verdadeiro conflito (pela soberania da pulsão de destruição). Tempo do *objeto do anseio*, anterior à construção do objeto de desejo (Paim Filho et al., 2016). Entretanto, quando do emergir do masoquismo primário erógeno, temos uma verdadeira ruptura do quase silêncio. O embate pulsional está posto – maior simetria entre essas forças antagônicas. A pulsão de destruição vê-se sob o julgo domesticador de Eros. Decorrente dessa nova configuração da psique, nossa pulsão originária vai impor trabalho à libido para realizar o desejo. Nesse trabalhar, produzirá barulho.

Diferentemente de Freud (1923/2007a, p. 66), entendo que a qualidade de ser *irrequieto* de Eros é consequência da pressão exercida pela demanda de descarga da pulsão de destruição, e não uma característica intrínseca a ele. Eros por si só também é conservador. Em 1930, ao mencionar a relação amorosa, Freud destaca: “Em nenhum outro caso Eros revela tão claramente o âmago do seu ser, o seu intuito de, de mais de um, fazer um único ... quando alcança ... recusa-se a ir além” (1969f, p. 129). *Recusar-se a ir além* não significaria uma estase psíquica, permeada pela repetição do mesmo? Não poderia implicar uma morte do desejo? Penso que sim, o silêncio da unicidade, a indiferenciação. Recordemos que na morte e na vida psíquicas as intensidades pulsionais com sua dinâmica marcam destinos. *Fazer-se um único* é destituir-se das singularidades fomentadoras do desejo. Seguindo por essas trilhas, via regressão, resgato o trabalho de 1895 (2003), juntamente com o de 1900 (1969e). Neles encontramos subsídios para afirmar que a experiência de satisfação – mola propulsora do desejo –, quando realizada via identidade de percepção, é indiferenciadora, enquanto a experiência de dor, que implica o não acontecer da identidade de percepção, determina a busca dessa pela identidade de pensamento, produzindo diferenciações. Desse modo,

na primeira temos a chamada *via curta*, em que predomina o desejo narcísico: desejo e realizo; na segunda, a *via longa*, na qual predomina o desejo edípico: desejo – não realizo – trabalho para efetivá-lo. Portanto, a riqueza da psique está no jogo fecundo da dor (o não encontro) com a satisfação (o encontro).

Visando fazer um exercício teórico-clínico, escutemos o sintoma. Sendo essa a nossa meta, creio que o trabalho de 1937 (1969a) *Análise terminável e interminável*, espécie de recomendações finais aos que exercem a psicanálise (Paim Filho, 2012), pode ser um instigante interlocutor, em especial o ponto 6, momento em que Freud revê sua última dualidade pulsional. Nesse rever, destaca quatro estados ou, ainda, condições: *adesividade da libido, libido particularmente livre, inércia psíquica e entropia psíquica* (1937/1969a, pp. 274-275).

Essas condições permeiam o pensamento freudiano desde 1905. Entretanto, faço um parêntese, no sentido de ressignificar a relação da inércia com a entropia: tomando como sinalizar a ideia de *um esgotamento da plasticidade, da capacidade de modificação e desenvolvimento ulterior* (Freud 1937/1969a, pp. 275). Por esses caminhos pretendo tecer uma possível interação com seu componente antitético à entalpia, visando estabelecer sua vinculação com a pulsão sexual.

A entropia, conceito oriundo da termodinâmica, que se ocupa do estudo do movimento da energia e de que forma se dá o movimento, não está relacionada a um trabalho de transformação. Freud a traz da física, visando associá-la com a estase da energia psíquica: a inércia. Designa o grau de desordem de um sistema: quanto maior a desordem, maior a entropia. Essa concepção permite teorizar a relação entre os processos reversíveis e irreversíveis. Sendo assim, a pulsão de destruição, em termos econômicos, quando não elaborada, está estreitamente ligada à entropia. Decorrente dessa relação, parece-me procedente refletirmos qual a associação que podemos estabelecer entre a pulsão sexual e a entalpia.

Entalpia refere-se à energia interna máxima de um sistema, nela está implicado um trabalho de transformação, subordinado a um processo de pressão constante. Essa concepção, em uma analogia livre, nos permite pensar a entalpia como um parâmetro para inferir a capacidade de trabalho da Eros, na sua função de captura e transformação da energia desgarrada da pulsão de destruição, incluso no sistema psíquico.

Sendo sensível a essa proposição – entropia *versus* entalpia – podemos conjecturar a seguinte possibilidade: entropia/traumático – paralisia/ausência de trabalho – irreversibilidade; entalpia/força de ligação – movimento/trabalho – possibilidade de reversibilidade.

Contudo, antes de prosseguirmos, penso ser importante assinalar que, nesse texto de 1937, Freud vai declarar sua criptomnésia e a consequente dívida

para com o filósofo grego Empédocles no que diz respeito à sua concepção da dualidade pulsional de 1920. Refere que o filósofo já havia anunciado, em 495 a.C., o postulado de que o universo e a alma humana eram decorrentes de duas forças primordiais: amor (*Liebe*) versus discórdia (*Streit*). Discórdia, deusa que instaura incertezas, questiona e desacomoda – não lhe cabe responder indagações. Exemplo clássico de sua intervenção encontramos na pré-história da Guerra de Troia, quando do casamento da deusa Tétis com o mortal Peleu. Ao não ser convidada para a festa, irada, vai e lança um pomo de ouro com a inscrição: “Para a mais bela”. Esse pomo vai ser objeto de disputa entre Afrodite, Atena e Hera. Para decidir essa disputa – narcísica –, é indicado Páris, o troiano, que escolhe Afrodite a fim de receber a mão da mais bela mortal: a grega Helena. Observemos que a deusa Discórdia é responsável por escutar e revelar o silencioso embate narcísico entre as imortais, não pelo narcisismo destrutivo dessas deusas e dos mortais, guerreiros gregos e troianos, mas sim pela prevalência da letalidade do *narcisismo das pequenas diferenças* (Freud, 1930/1969f, p. 136). Lembremos que a palavra *discordar* remete à ideia de desacomodar, que postulo como a tarefa maior da deusa Discórdia e de seu correlato, a pulsão de destruição.

Visando não perpetuar a criptomnésia freudiana, é importante ratificar: Freud vai igualar a pulsão de destruição à discórdia: “Os dois princípios fundamentais de Empédocles ... são tanto em nome quanto em função os mesmos que nossas duas pulsões primevas, Eros e destrutividade” (1937/1969a, p. 280). Sendo assim, não estaria ele nos legando a possibilidade de pensarmos na capacidade dessa pulsão de produzir desorganização e, com isso, ruídos variados? Entendo que sim. Diante desse escopo, temos subsídios para avançar mais além da estreita configuração que faz da pulsão de morte uma mera força que visa à descarga. Ao ser capturada pelo aparato psíquico, passa a exercer também a função de fazer uma exigência de trabalho: possível potencial criativo – discordar ou, ainda, acordar, do silêncio do caos pulsional, do sono eterno, para as turbulências da alma. Ou então, nas palavras da poetisa, “O silêncio do espaço em branco; a solidez das palavras; os segredos ocultos fluidos; do caos – ainda mais” (Lamas, 2011, p. 28).

Em face desse contexto, lancemos um olhar para a neurose. Como sabemos, nela o sintoma é produto do retorno do recalcado; quando está sintônico, ou seja, estabilizado à economia psíquica, podemos dizer que se encontra silencioso, correspondendo às demandas da formação de compromisso. Em termos pulsionais, estamos em um terreno em que Eros cumpriu com sua proposição: acalmar a pulsão de destruição, silenciando o conflito, realizando o desejo. Resgato, diante dessa concepção, a proposição da adesividade da libido, com sua

predisposição à *lealdade catexial* (Freud, 1937/1969a, p. 275), adesividade que me faz refletir sobre o amálgama libidinal (fusão completa) – prevalência de um desejo narcísico, do qual se recusa a deslizar: “os sintomas são a atividade sexual dos neuróticos” (Freud, 1905/1969j, p. 153) – por exemplo, o corpo simbólico proporcionando satisfações substitutivas. Por esse percurso, somos levados a nos confrontar com a necessidade de que o analista exerça a função de ruptura do silêncio estabelecido, que essa configuração do sintoma revela. Essa ruptura é uma possibilidade de pôr em questão a lealdade catexial, mantendo o compromisso de problematizar as soluções estruturadas pela psique – produzir desacordo diante dos acordos instaurados, muitas vezes de forma unilateral: lealdade a quem e/ou a quê? Provavelmente, aos objetos primários, com seus silenciosos ideais. A interpretação como instrumento facilitador para revelar o desejo recalcado, conferindo voz à verdade histórica.

No entanto, quando da vigência de um sintoma distônico, a economia psíquica apresenta-se desestabilizada, a formação de compromisso se fez ineficaz. Isso gera turbulência, ou seja, a quebra do silêncio numa adequada relação dialética entre a *entalpia* e *entropia*, uma angústia sinal. Esse sintoma revela a assimetria pulsional, a discórdia, a pulsão de destruição inquietando excessivamente Eros – prevalência do conflito edípico –, fazendo-o deslizar, trabalhar em busca de outros caminhos para conter a força pulsional. Aqui, nos deparamos com a libido particularmente livre, que produz desassossego, gerando uma situação paradoxal por um lado, possibilidade de conexão com o sofrimento psíquico por outro, revelando a impossibilidade de estabelecer um vínculo mais perene. Nesse contexto, o analista deve estar comprometido com a função de escutar esse desligado, que induz ao trabalho a psique, e de propiciar a criação de um espaço de acolhimento transformador – silenciar esse particular jeito de submissão da libido à pulsão de destruição. Parafraseando Freud: do escrito na água (1937/1969a, p. 275) para o escrito, com suas múltiplas possibilidades de retranscrição, em terra. Interpretação e reconstrução como agentes da mudança psíquica.

Seguindo nosso roteiro, escutemos o silêncio oriundo do além do universo das representações, que tem no ato, desprovido do *amaciado pela palavra*, seu representante maior. Nesse universo, temos o enigma da “paralisia” psíquica, sua inércia, que nos desafia a equacionar a dinâmica pulsional. Como entender esse encontro pulsional? Quem paralisa quem? Penso aqui na letalidade da pulsão de destruição. Sim, a pulsão de destruição, indomada pela libido, determinando a paralisia dessa. Seu caráter demoníaco, nessa hipotética fusão incompleta, incorpora a libido, originando a repetição desse caráter, a repetição silenciosa dos imperativos categóricos do mais além, ou seja, o traumático, o que se mantém,

segundo Freud (1937/1969a), *imutável, fixo e rígido* – o colapso do jogo dialético da atração e da repulsa. Esse colapso pode ser resultante de duas condições, tendo por referência a *entropia psíquica* (Freud, 1937/1969a, p. 275). Uma delas decorre de um baixo grau, como temos na repetição do idêntico, outra, decorre de um alto grau de entropia, como revelado na angústia automática. Esses estados, por si só, são irreversíveis, provavelmente estabelecidos na vigência do masoquismo primário “não erógeno”, narcotizante. Nesse palco, “não erótico”, temos a possibilidade de assistir a um espetáculo que faz do corpo sua forma primordial de comunicação: a psicossomática ou, ainda, a neurose de angústia. Na primeira, temos a letalidade da pulsão de destruição – silenciosamente – lesando o órgão. Na segunda, a letalidade da pulsão de destruição – ruidosamente – “convulsionando” o/no corpo. O analista é convocado a construir, a partir dos traços e impressões, representações, buscando algum grau de reversibilidade, que possam fazer falar – não silenciar – a verdade material que esses traumas contêm: um sentido, porém, sem um significado (Paim Filho, 2015).

Para concluir, o silêncio, em seu desafio de se fazer escutar, convoca-nos a não silenciar diante dos sinistros enigmas que traz consigo. Refletir sua origem metapsicológica, pelo vértice pulsional, pode ser um bom caminho para tecer possíveis deciframentos. Nesse sentido, tal qual uma esfinge, confere uma corporeidade interrogativa à necessidade de criar instrumentos técnicos e teóricos que lhe deem fundamentação. Escutar o silêncio é não deixar silenciar, ou abafar, a necessidade de fomentar o interjogo da morte e da vida, que evoca e provoca a refletir o ser pulsional do humano: conceito-limite da metapsicologia freudiana, que instiga o desejo de ampliar os limites da alma. Sendo assim, deixo assinalado, como estímulo para reflexões futuras, palavras de Freud que constam de sua carta a Einstein: “Entretanto, não devemos ser demasiadamente apressados em introduzir juízos éticos de bem e de mal. Nenhuma dessas duas pulsões é menos essencial do que a outra; os fenômenos da vida surgem da ação confluyente ou mutuamente contrária de ambas” (1933[1932]/1969g, p. 252).

Silence: a metapsychological listening

Abstract: As one may see in the course of this paper, the author explores briefly the theme of silence in order to solve some theoretical and clinical postulates about instinctual duality – that is, life and death. His purpose is to enable a metapsychological listening at this silence. In this process, the author proposes to discard the idea that silence is exclusively a result of death drive – which, according to the author, is a misconceived idea. In order to fulfill this purpose, the author establishes a difference between death drive and destructive

drive, and he also restores the relation between those drives and disagreement (or discord). Therefore, the author continues, silence is broken in the instinctual clash. In this sense, the author advocates that the most absolute silence lies in which one might call the *incomplete fusion*, which means the destructive drive that is precariously connected to libido, and/or the *complete fusion*, which means the destructive drive that is, in the other hand, excessively linked to libido. Thus, silence is a result of the lack of expressive differences between the instinctual forces. This lack implies the death and/or the no construction of desire. This lack also contributes to the psychic homeostasis (a low level of psychic entropy).

Keywords: Discord. Desire. Destructive drive. Disagreement. Eros. Fusion. Silence.

Referências

Freud, S. (1969a). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 23, pp. 247-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)

Freud, S. (1969b). Conferência XXXI – A dissecação da personalidade psíquica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 22, pp. 75-102). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933[1932])

Freud, S. (1969c). Esboço de psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 23, pp. 165-237). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940[1938])

Freud, S. (1969d). Estudos sobre a histeria. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893-1895)

Freud, S. (1969e). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 5). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)

Freud, S. (1969f). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 21, pp. 81-171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)

Freud, S. (1969g). Por que a guerra? (Einstein e Freud). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 22, pp. 241-259). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933[1932])

- Freud, S. (1969h). A questão da análise leiga. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 20, pp. 209-293). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (1969i). O tema dos três escrínios. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 7, pp. 367-379). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1969j). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 7, pp. 127-228). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2003). Projeto de uma psicologia (O. F. Gabbi Jr., Trad.). In O. F. Gabbi Jr., *Notas a Projeto de uma psicologia: As origens utilitárias da psicanálise* (pp. 175-260). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado 1950[1895])
- Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, Trad., Vol. 1, pp. 97-131). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2006). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, Trad., Vol. 2, pp. 135-198). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2007a). O eu e o id. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, Trad., Vol. 3, pp. 27-92). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2007b). O problema econômico do masoquismo. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, Trad., Vol. 3, pp. 105-124). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Lamas, B. S. (2011). *Copos de violetas*. Porto Alegre: Evangraf; ALFRS.
- Paim Filho, I. A. (2012). Recomendações aos que exercem a psicanálise e os desafios da contemporaneidade. In I. A. Paim Filho & L. C. Leite, *Novos tempos, velhas recomendações: sobre a função analítica* (pp. 93-118). Porto Alegre: Sulina.
- Paim Filho, I. A. (2014). Freud reinventando Freud: Um retorno às origens (por uma metapsicologia da pulsão de morte). In I. A. Paim Filho, *Metapsicologia: Um olhar à luz da pulsão de morte* (pp. 129-146). Porto Alegre: Movimento. (Trabalho original publicado em 2012)

Paim Filho, I. A. (2015). Serguei Constantinovitch Pankejeff: Uma estranha memória sem lembranças do Homem dos Lobos. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 22(2), 407-422.

Paim Filho, I. A. (2018). Pulsão de morte: O assombrosamente belo. *Constructo: Revista de Psicanálise*, (3), 173-187.

Paim Filho, I. A. et al. (2014). Solidariedade-excitatória-sexual: Um conceito metapsicológico? (Sobre o problema metapsicológico do masoquismo). In I. A. Paim Filho, *Metapsicologia: Um olhar à luz da pulsão de morte* (pp. 87-100). Porto Alegre: Movimento. (Trabalho original publicado em 2011).

Paim Filho, I. A. et al. (2016, junho). *Complexo melancólico: O anseio da alma*. Trabalho apresentado em atividade científica do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre, Porto Alegre, RS. No prelo para publicação.

Paim Filho, I. A., & Terra Machado A. P. (2018). *Masoquismo: Destinos das pulsões – origem do sujeito*. Relatório a ser apresentado no 32º Congresso – Desconstruções e Transformações – da FEPAL, Lima, Peru.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 21/09/2018

Aceito em: 15/10/2018

Ignácio Alves Paim Filho
Rua Felix da Cunha, 737/410
90440-150 - Porto Alegre - Brasil
E-mail: paimiga@terra.com.br